

A arte como estratégia de sedução

Tania Queiroz

- Que lugar é esse? O que vocês acham que encontrarão aqui? O que é “contemporâneo”?

Recepção a público em museus e espaços culturais para visitas a mostras de arte contemporânea - desempenhamos essa função durante muito tempo. Em seguida, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, nos dedicamos durante cinco anos a oferecer um curso que pretendia - e assim o fez - preparar estudantes de artes e áreas afins para atuar em museus e espaços culturais, recebendo o público para visitas a exposições de arte. De arte... E arte foi nosso objeto de trabalho, e nossa estratégia para envolver, afetar e introduzir o público nesse campo de conhecimento.

Por que a arte como estratégia e não estratégias para criar a aproximação com a arte?

Acreditamos enormemente na intrínseca relação entre arte e vida, e na forma como os artistas e sua produção podem trazer à discussão importantes temas e inquietações comuns à maioria das pessoas. A forma como a arte se coloca ou é colocada no mundo, por metáforas, analogias, impactando ou tocando o espectador pelos caminhos mais diversos, é o instrumento de trabalho mais precioso que um mediador pode ter. O que pode ser mais "sedutor", capaz de induzir, convencer, despertar simpatia ou interesse, do que encontrar, na arte, questões que se refiram à própria vida?

Somos adeptos da afirmação de Agnaldo Farias¹, de que "A arte talvez seja o último recurso contra a opacidade do mundo. E está rigorosamente nas mãos de quem trabalha com educação fazer com que as pessoas que estão se formando, especialmente as crianças, percebam a infinidade de coisas que compõem esse mundo".

Hal Foster cita Leo Steinberg² para falar do "deslocamento de um modelo vertical de tela-enquanto-janela para um modelo horizontal de tela-enquanto-texto, de um

paradigma "natural" da imagem enquanto uma paisagem emoldurada para um paradigma "cultural" da imagem enquanto uma rede de informações, que ele considerava inauguradora da produção de arte pós-moderna". A dimensão social desse modelo horizontal foi alcançada em seguida. Assim, desde então, a arte contemporânea se conecta com questões sociais, políticas, temas e questões que afetam e dizem respeito a todos.

Segundo Fernando Cocchiarale³ talvez um dos principais motivos da incomunicabilidade da arte com o público hoje "decorra do fato que as obras e intervenções dos artistas sejam tão parecidas com a vida que o público não mais as reconheça como artísticas (estéticas)." Esse desvelamento traz para o público, de certa forma, a idéia de uma revelação, de uma grande descoberta e é visível para o mediador o momento em que o visitante percebe do que se está falando e que poderia, por si só, ter acessado esse conhecimento.

A arte contemporânea e suas questões proporcionam isso. Diz Cocchiarale : "Deixar que o público perceba que arte e palavra pertencem a regimes de significação diferenciados é fundamental, uma vez que têm sido tão entrecruzadas nos dois últimos séculos que nos habituamos a tomar a segunda como extensão natural da primeira."

Da mesma forma, arte e vida são, também, de regimes diferenciados. E atuando em programas educativos, procuramos estabelecer um canal entre o visitante e o processo de criação do artista, seu pensamento e pesquisa, as alternativas escolhidas para falar daquilo que lhe importa. O caminho para fazê-lo parte da experiência do próprio visitante.

Do que se constitui o portfolio de um artista? De suas obras, do que é relevante para seu processo de trabalho. Seu portfolio apresenta sua produção, sua história, sua trajetória. Ali podemos identificar e explorar o que chamamos de sua "questão", daquilo que é o objeto de sua pesquisa. Podemos fazer um paralelo entre o portfolio do artista e a bagagem que o público traz para a visita, sua vida, repleta de anotações, de recortes, de imagens, enfim, daquilo que, de alguma forma desperta seu interesse. Segundo Maria Tornaghi⁴:

"Cada visita é pensada para criar condições para que os visitantes, não só crianças, mas os públicos mais diversos, desenvolvam seus "projetos" que abordam questões de arte tratadas na exposição. Os caminhos não são predeterminados. Cada grupo, cada visitante, constrói, com o mediador, seu projeto, sua visita. As bagagens de vida de cada um, trazidas para o grupo com

seus comentários, e as obras que estão na exposição tomam o lugar do portfólio. A mediação acontece a partir do que se vê, se conversa, se reflete."

É com esse material que trabalhamos - o portfólio de experiências, de vivências de cada visitante. Por algum caminho e em algum momento, podemos disparar esse "gatilho" - o do interesse desse público. Entendemos que somos todos constituídos de memórias, de imagens, recortes da vida e de fatos que podem ser acionados, tornando-se o ponto de partida para nossa aproximação com as mostras de arte. Dizemos "de arte", porque é com exposições de arte que trabalhamos. E, como já vimos, a arte fala da vida. Cristina Salgado, ao falar sobre suas obras no evento de lançamento da Revista Concinnitas, v. 2, n. 27 (16): Arte e Psicanálise, no Centro Cultural Hélio Oiticica, e em especial se referindo à sua exposição "No interior do tempo" realizada este ano no Paço Imperial, diz estar ali, em seu trabalho, alguma coisa que pode interessar a qualquer um e a todas as pessoas. Segundo ela "algo que está nas profundezas abissais que todos temos e no processo (de criação) lidamos com elementos que tocam esses lugares. O observador é tocado também nesse aspecto...." Essa alguma coisa que todos temos internamente e de alguma forma, que é comum a todos e tem o poder de desestabilizar, de provocar, de fazer pensar, essa potência, que é da arte, é do que tratamos no nosso trabalho nos programas educativos em exposições de arte. A arte é nossa estratégia de sedução e o nosso objetivo para promover o exercício da própria experiência artística e a formação mais ampla e complexa do indivíduo.

E como tratar disso? Como fazer uso dessa estratégia para aproximação com o público que não possui o hábito de frequentar exposições?

Identificando junto com o visitante as questões dos artistas e das obras, a partir das mais simples, cotidianas, para as mais complexas. Tomar como ponto de partida o que o visitante conhece, de onde ele vem. O percurso que fez até o museu, por exemplo, o que viu no caminho, as transformações sofridas pela cidade, podem ser o ponto de partida para acessar obras que tratam de temas ou questões mais complexas, como a gentrificação.

Estabelecendo essa troca com o visitante, a conversa, criando possibilidades para que ele faça relações, consolidando a experiência do contato com a obra de arte, priorizando não a informação, mas o prazer de aprender, de descobrir. Fazendo-o

entender que poderia estar ali sozinho e, igualmente perceber, acessar. Derrubando preconceitos, quebrando a resistência inicial que muitos visitantes têm, revelando que a arte não é hermética, muito pelo contrário, é sobre a vida, sobre ver o mundo.

Fernanda Gomes⁵ em palestra para os alunos da EAV Parque Lage em 2012, declara ter prescindido de folder impresso e texto de parede em sua mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, realizada no mesmo ano e diz: " ...você não é estimulado a ler algo antes de entrar. esse formato como regra geral é um grande problema. primeiro, ter que ler um texto e só depois entrar na exposição, a meu ver, só faz sentido em exposições históricas. mas atualmente parece que todos querem pensar a partir do texto e não do que está de fato ali". Considera, portanto, essencial o encontro do público com a obra. A palavra é de uma ordem diversa do contato e da descoberta. Arte precisa de tempo de contato, não de informação.

De 2010 a 2014, oferecemos, na EAV Parque Lage, o Programa de Capacitação de Mediadores destinado a familiarizar os estudantes com práticas de aproximação do público com a obra de arte. Neste período, cerca de 300 jovens estudantes de Artes e áreas afins se capacitaram a trabalhar em exposições de arte. O programa foi pensado de modo a proporcionar noções básicas de ensino e aprendizagem de arte e de mediação, complementados por estágio supervisionado, com preparação específica para que os estudantes pudessem atuar em diferentes espaços e mostras.

No texto *Capacitação de mediadores - necessidade de formação, desdobramentos e experiências*, Cristina de Pádula⁶ faz um histórico da criação e desenvolvimento do programa. Em 2008, foi identificada uma demanda que se tornava urgente: suprir a formação dos mediadores que trabalhavam nas exposições da Escola, voltados para o atendimento ao grande número de visitantes do Parque Lage. Durante os anos de 2008 e 2009, estudantes universitários de artes e campos afins como Museologia, e ainda alunos da própria escola, eram preparados diretamente pela Coordenação de Ensino, para atuarem como mediadores nas diversas mostras lá realizadas. Era evidente a importância da implantação de um programa educativo para estas exposições, de modo a possibilitar à Escola ampliar a formação de público para arte contemporânea. Nesse momento, não havia ainda o curso formalizado, mas um trabalho continuado com um pequeno grupo de alunos, que se dava a cada nova exposição e em reuniões de preparação e avaliação.

A partir da bem sucedida implementação do Programa de Cursos Gratuitos em 2009, promovido pela Secretaria de Estado de Cultura, na gestão de Claudia Saldanha propusemos, em 2010, formalizar esse trabalho de modo a capacitar mediadores para atender à demanda interna. Para a criação e desenvolvimento desse Programa de Capacitação de Mediadores, foram convidadas Maria Tornaghi e Cristina de Pádula. O fato de termos iniciado nosso trabalho em ensino de arte em 1993 sob a coordenação da Maria Tornaghi na própria EAV Parque Lage e no MAM -RJ nos permitiu um imediato entendimento dos pressupostos que norteariam a implantação do curso. Diz Cristina:

"Anos de trabalho com continuidade e aprofundamento nos faz lembrar que aprender exige tempo. Em nossos primeiros encontros para debatermos sobre o Programa, a questão primeira que nos colocávamos era se seria possível capacitar jovens estudantes, ainda com tão pouca formação, em tão pouco tempo para esse trabalho. Por um lado acreditávamos que sim, e por outro lado, pensávamos que não. Sabemos que se tornar mediador, educador ou professor exige tempo e formação continuada. Por outro lado, compreendemos que essa capacitação que realizamos é um primeiro passo, a ser preenchido pela prática, e formação continuada. Para que isso aconteça, sempre enfatizamos que nossos mediadores necessitam de supervisão e formação para cada nova exposição a que venham trabalhar. O programa foi pensado de modo a proporcionar noções básicas de ensino e aprendizagem de arte e de mediação, complementados por estágio supervisionado, com preparação específica para que atuem em diferentes espaços e mostras. Após um processo de seleção, os alunos participam por um período de atuação e estudos que os capacita a criar condições para conduzir uma mediação com diferentes perfis de grupos e visitantes eventuais. Assim, "acreditamos que o papel do mediador é criar condições para que o visitante possa ter uma relação direta (e insubstituível) com as obras, saia querendo conhecer ainda mais sobre o que viu."

O programa foi criado com uma etapa inicial intensiva, apresentando aos participantes a metodologia, estratégias de trabalho, e conteúdos específicos, seguida de encontros semanais quando eram discutidas as experiências a partir dos estágios e realizados estudos complementares com leitura de textos, dinâmicas, apresentação de vídeos, visitas à outras instituições e palestras com convidados, além de aulas especiais onde os alunos participaram de encontros com curadores e artistas para a preparação específica de exposições que aconteciam na EAV Parque Lage. Da mesma forma como acontecem as visitas, e coerentes com as orientações do curso nesse sentido, estabelecemos que as características de cada turma e seus interesses determinam quais textos e atividades sejam implementados.

Os estágios foram implantados também na Casa França Brasil e Casa de Cultura Laura Alvim, em razão de serem igualmente equipamentos do estado.

Durante as aulas e seus estágios realizados na própria EAV, na Casa de Cultura Laura Alvim e na Casa França Brasil, os mediadores perceberam que sua principal função não era educar, mesmo quando esse era o propósito da obra. Os roteiros para as visitas, elaborados especificamente para cada exposição a partir de criteriosa pesquisa sobre artistas e obras, de encontros com os próprios artistas e com os curadores, e posterior discussão coletiva com os mediadores privilegiavam as vozes da instituição, dos artistas e curadores e suas questões, e estabeleciam os caminhos para explorá-los. Considerando a diversidade de público e possíveis alterações de percursos e interesses de cada grupo, diferentes e múltiplos roteiros eram definidos para cada mostra.

A dinâmica de trabalho que desenvolvemos desde nossas experiências no Núcleo de Crianças e Jovens da EAV e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro envolvia, além das atividades com curadores e artistas relacionados às mostras específicas, a realização de seminários e grupos de estudo com outros profissionais especialmente convidados para esses encontros. Essas discussões proporcionavam a reflexão e ampliação de campos de conhecimentos tão necessárias à nossa prática.

Compartilhamos e praticamos com os estudantes o desafio de promover o contato, a descoberta e, sobretudo, a experiência da arte em tão pouco tempo - o tempo de uma visita - que deve ser curta o suficiente para não cansar, mas longa o suficiente para ter o efeito que se deseja - de que o visitante saia dali querendo conhecer mais sobre o que acabou de ver.

Adotamos em nossas práticas educativas, no curso e nas atividades da mediação, o que Márcio Tavares D'Amaral, no texto que escreveu para a mostra "Aprender a apreender" dos alunos do Núcleo de Crianças e Jovens da EAV Parque Lage, coordenado por Maria Tornaghi, do qual fazíamos parte como professoras chamou de "uma pedagogia da demora, a fim de produzir sujeitos apaixonados pela criação, sujeitos da diferença. - Demora: o tempo necessário, que nunca se sabe antes, nem cabe em currículos e programas fechados; demora é também a habitação no tempo, a instalação no que passa, dura, dissolve-se e revém."

Demora é o que queremos produzir nas aulas no curso de Capacitação de Mediadores. Demora é o que queremos produzir numa visita. Habitar esse tempo, e produzir sujeitos da diferença.

Artigo submetido aos avaliadores em 12/04/2016

Artigo avaliado em 09/08/2016

1 FARIAS, AGNALDO, "A arte e sua relação com o espaço público". In: "O mundo é mais do que isso: mediação e a complexa rede de significações da arte e do mundo". Organização: CRISTINA DE PÁDULA, MARIA TORNAGHI e TANIA QUEIROZ. Rio de Janeiro: EAV 2014.pp 57-66.

2 FOSTER, Hal, "O artista como etnógrafo". Revista Arte e Ensaios. Revista do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais EBA.UFRJ. ano XII. número 12. 2005 pp.136-151.

3 COCCHIARALE, FERNANDO, "Sobre a relação entre arte e palavra (o olhar e a explicação)". In: "O mundo é mais do que isso: mediação e a complexa rede de significações da arte e do mundo". Organização: CRISTINA DE PÁDULA, MARIA TORNAGHI e TANIA QUEIROZ. Rio de Janeiro: EAV 2014.pp 41-49.

4 TORNAGHI, MARIA, "Credo Incrédulo-pressupostos de um trabalho em mediação". In: "O mundo é mais do que isso: mediação e a complexa rede de significações da arte e do mundo". Organização: CRISTINA DE PÁDULA, MARIA TORNAGHI e TANIA QUEIROZ. Rio de Janeiro: EAV 2014.pp 15-17.

5 GOMES, Fernanda, Cadernos EAV 2012:Encontros com artistas /Escola de Artes Visuais do Parque Lage; Organização: TANIA QUEIROZ e VANESSA ROCHA. Rio de Janeiro: EAV 2014.pp 144-203.

6 PÁDULA, CRISTINA DE, "Capacitação de mediadores-necessidade de formação, desdobramentos e experiências". In: "O mundo é mais do que isso: mediação e a complexa rede de significações da arte e do mundo". Organização: CRISTINA DE PÁDULA, MARIA TORNAGHI e TANIA QUEIROZ. Rio de Janeiro: EAV 2014.pp 25-33.